# A YARA

---

(CONTO FANTASTICO DO PARÁ.)

Restringira-se a conversação ao assumpto pittoresco das lendas. O velho commendador tomou então a palavra:

— Vou contar-lhes a lenda da Yara, talvez a mais poetica e notavel de quantas tem embalado a imaginação paraense.

— Conheço esta lenda, observou o doutor, interrompendo-o, sem duvida por querer ostentar erudição. A *Yara* dos indigenas do norte não é mais do que a *mãe d'agua* dos selvicolas do sul: uma especie de sereia, meio peixe, meio mulher....

— Engana-se redondamente! interrompeu-o por sua vez o commendador. Ha tanta differença entre a Yara e a mãe d'agua, como entre o diamante lapidado e o ainda em bruto.

— Já li até alguma cousa a este respeito, proseguiu o doutor. O conego Francisco Bernardino de Souza, em viagem pelo norte, recolheu em Manáos a lenda da Yara e lindamente a poetizou no seu livro das *Lembranças e curiosidades do valle do Amazonas*.

— Bem sei, meu amigo, ainda observou-lhe benevolamente o commendador. Conheço o livro e sou mesmo um pouco amigo do conego; mas, já lhe disse, si ha grande differença entre a Yara e a *mãe d'agua*, tambem o ha entre a feiticeira do moço Manáos e a moradora dos igarapés do Pará. Deixe-me contar-lhe a lenda, tal qual a aprendi, e verá. A Yara do Tocantins e Guamá é muito mais completa do que a do Rio Negro e Amazonas.

— Pois sim! pois sim! disseram alguns dos ouvintes. Ninguem o interromperá mais: conte-nos a lenda.

O commendador agradeceu com o olhar a confiança e a impaciencia, e, com o tom mysterioso de um narrador que sabe calcular os seus effeitos, começou a narrativa.

— Em um dos ultimos dias do anno de 18**, lia-se na *gazetilha* de uma das mais conceituadas folhas diarias da capital do Pará a seguinte local:

« Foi encontrado hontem a boiar perto do cáes da Sacramenta o cadaver do infeliz Januario Marinho, cujo desapparecimento noticiámos, ha trez dias, e em procura do qual a policia tem andado debalde.

« Pelo exame cadaverico a que se procedeu, averiguou-se ter sido a morte produzida em consequencia de asphyxia por submersão, sem que se possa entretanto lançal-a á conta de um accidente occasional ou de um suicidio premeditado. Informam-nos, porém, que o infeliz moço, de algum tempo a esta parte, apresentava symptomas caracteristicos de uma incipiente alienação mental.

« Por volta das 4 horas da tarde foi o corpo dado á sepultura no cemiterio da Soledade!! »

Ao caír da noite desse mesmo dia, achava-me eu de visita em casa de uma amabilissima familia paraense, a que fôra apresentado logo depois de minha chegada á cidade de Belém naquelle mesmo anno, e caíu de molde a conversação sobre o tristonho caso que a alludida folha narrára pela manhã, com tanta parcimonia de pormenores, não obstante a insinuação manifesta.

Achavam-se presentes, como eu, outros amigos da casa, e dividiram-se naturalmente as opiniões, inclinando-se uns para a idéa do accidente occasional e outros, o menor numero entretanto, para a do suicidio.

Completamente estranho ainda aos costumes da provincia e da cidade, onde me achava ha pouco tempo e pela primeira vez; além disso desconhecendo inteiramente os precedentes, a indole, a educação do fallecido, bem como o meio em que elle se agitara e vivêra, impossivel me era formular uma opinião fundamentada e por isso abstinha-me de emittir um juizo ou de lavrar uma sentença.

Allegara necessitar de boas e solidas bases, de dados precisos e verdadeiros para poder chegar a uma conclusão que não fosse erronea ou temeraria.

Immediatamente vieram os dados e esclarecimentos, fornecidos com todo o criterio por um dos circumstantes, sisudo e abastado negociante, cuja palavra era tida, naquelle circulo pelo menos, como um oraculo, cuja verdade e boa fé não era licito pôr em duvida.

De mais a mais corroboraram as suas asserções diversas outras pessoas que se achavam presentes e cujo caracter me impunha respeito, sinão por si mesmo, pela attenção obsequiosa que sabia atraír por parte de toda a familia.

Januario Marinho era um moço portuguez: fazia parte dessa pleiade esperançosa, intelligente e essencialmente democratica, de moços que ultimamente tem emigrado para a provincia do Pará, não como expatriados por paes desalmados e illudidos por uma gana inconfessavel, mas sim guiados pelo estimulo do trabalho, animados por uma bem entendida esperança de riquezas, por um futuro bem-estar, que sua patria não lhes póde garantir, mas que lhes póde dar o mundo novo e opulento do Brazil, maximé do Valle do Amazonas.

Havia já trez a quatro annos que, filho de uma importante familia de negociantes do Porto, viéra para o Pará a mandado de seus paes afim de familiarizar-se com o commercio daquella provincia, habilitando-se para mais tarde substituir os seus

correspondentes no commercio dos vinhos que fazia o principal negocio da sua casa.

Bastante intelligente, possuidor de alguma erudição litteraria, daquella pelo menos que se adquire, sinão por um estudo aturado, ao menos pela frequente e escolhida leitura dos bons livros, de que abundam as bibliothecas particulares, que hoje, felizmente, já representam grande esforço em prol da instrucção quer em Portugal, quer no Brazil; de fina educação e trato ameno, Januario, em pouco tempo, havia adquirido boa reputação na cidade, fôra favoravelmente acolhido pelas diversas familias, a que o apresentaram, e conseguira, pelo seu genio alegre, pelas suas maneiras affaveis, pela sua obsequiosidade galante, captivar a todos que o conheciam.

Abonavam-n'o, além de tudo, a capacidade technica, a sua assiduidade no escriptorio, onde sua actividade, pericia e bom comportamento eram attestados pelos patrões, igualmente portuguezes, mas, embora muito bôas pessôas, em assumptos de serviço severissimos.

De tudo isso resultava que Januario era um dos rapazes que melhor roda frequentava, sendo o conviva mais procurado e o hospede mais bemvindo aos diversos salões que, na capital do Pará, abrem semanalmente as suas portas e prodigalizam os seus divertimentos aos que se reputam dignos de penetrar no casto lar das familias.

Vivia elle assim bemquisto de todos, reunindo pelo seu trabalho assiduo e intelligente o cabedal, moral e material, com que havia de construir mais tarde o ninho abençoado de sua felicidade, quando encontrou uma moça paraense, de familia condigna á sua, e se apaixonou por ella. Consta que, obtido o consentimento dos respectivos paes, já haviam ambos começado a realização do seu sonho de amor, fantasiando os sabores de um lar invejavel.

Januario era noivo e proximo estava o dia em que deveria realizar-se a união das duas almas, que, feitas uma para outra, se buscaram de tão longe e por fim se haviam encontrado. Parece que nada deveria fazel-o amar mais a vida do que esta circumstancia; entretanto, ha trez dias todos nós fomos sur-

prendidos com a noticia do seu desapparecimento, e hoje com o apparecimento do seu cadaver. A' vista, pois, dos precedentes que acabo de referir com todo o escrupulo e fidelidade, pergunto:

— O que pensar? será licito suppor que houve um suicidio em todo caso pouco racional, completamente illogico, absurdo, ou antes devemo-nos inclinar para a idéa de um accidente ou mesmo de um crime?

E voltando-se para mim o negociante accrescentou:

— Ahi tem os dados, os esclarecimentos que pediu, commendador: agora, creio que nos poderá dar a sua opinião.

— Decisiva, de certo que não, respondi eu pensadamente. Para isto seria preciso indagar de muita cousa ainda, sendo certo que o facto do casamento justo, com a época já fixada para a sua realização, dá margem e o fferece campo muito vasto para as maiores supposições.

Como se estudou e se julgou o caracter e a vida do moço portuguez, seria preciso tambem estudar e julgar o caracter, a educação e a vida da moça paraense, da noiva. Um podia ter influido sobre o outro, e neste caso a circumstancia menos apparente poderia ter aconselhado um suicidio. Januario póde ter morrido justamente porque estava para casar.

Apenas acabava eu de pronunciar estas palavras, de atirar assim á téla da discussão essa proposição que em rigor poderia passar por um paradoxo, soou do lado do sofá um pequeno grito de triumpho, e uma voz doce mas energica exclamava:

— Está ouvindo? não sou eu só quem pensa assim. O Sr. Commendador tambem é da minha opinião.

Voltei-me então vivamente para aquelle lado. Algumas senhoras formavam um grupo interessante, e dentre ellas se destacava uma provocante moreninha, filha do nosso hospede, gentil e espirituosa como todas as filhas dessa terra, em que Deus parece ter esgotado todo o esforço para tornar formosa e opulenta.

Fôra ella quem me interrompera. Tendo se erguido com o enthusiasmo da exclamação triumphal, voltava-se completamente para mim.

— Neste caso, perguntei eu, sorrindo, V. Ex. concorda commigo em que esse casamento...

— Sem duvida! interrompeu-me a gentil morena, dando um passo para a frente e nos envolvendo a todos nas ondas luminosas do seu olhar incomparavel. Sem duvida! Foi por isso que elle morreu. E' o que eu já tenho dito mais de uma vez, e o affirmei a papae, não ha duas horas, quando elle voltou do escriptorio. Si o Sr. Januario não estivesse para casar, a Yara não lhe teria apparecido.

— A Yara? exclamei eu involuntariamente, e no auge do mais comprehensivel dos espantos.

— Sim, Sr., a Yara! confirmou a moça. Foi ella quem matou Januario.

— Ah! bradei eu então, como tendo uma idéa luminosa. Eis ahi o que simplifica a questão: não houve accidente occasional, nem suicidio, houve sim um crime, e á policia compete averiguar esse facto para que a lei possa punir o delinquente.

Respondeu-me uma gargalhada sonora e quasi interminavel... uma gargalhada geral. Senhoras e homens, velhos e moços, todos tomavam parte, como que involuntaria, naquella manifestação de alegria, para mim completamente intempestiva.

Fiquei por um momento aturdido, mas, recobrando a presença de espirito, repliquei com toda a seriedade:

— Perdão, minha Sra., V. Ex. acabou de affirmar que uma mulher... ou um homem!... uma creatura, emfim, apparecêra ao moço portuguez e o matára. Dahi nasceu a minha observação que tanta alegria originou, provocou tanta hilaridade, e...

— Perdão, Sr. Commendador, observou-me a moreninha. Eu não me referi a mulher ou a homem algum: falei mas foi na Yara.

— Bem vê...

— Ah! sorriu ella com malicia e como caíndo em si. Não me lembrava que o senhor não era d'aqui. Percebo agora de onde parte o seu equivoco. E' filho do Sul, é lá dessas terras, onde não se crê em cousa alguma, nem nas lendas, nem nos mi-

lagres, sob o futil pretexto de que a sciencia não as explica e a razão não os comprehende. Provavelmente o senhor não sabe o que é a Yara?

— Sei, minha senhora, respondi-lhe promptamente. Mas a Yara não é mais do que um producto da musa poetica dos selvagens, musa desordenada e fantastica pelo continuo contacto com os mysterios grandiosos da natureza, em luta sempre com as sombras e os rumores incomprehensiveis da floresta, com o murmurio e a refracção, inexplicaveis para elles, dos rios e dos desertos. A sua imaginação poetica creou as Yaras, as *Caapovas*, *Macacheras*, *Juruparys*, e outras allegorias fantasticas, assim como os povos primitivos de outros paizes já haviam creado as Amphitrites, as Nymphas, os Pans, as Dryades, etc. Ou necessidade, para o seu espirito inculto, de dar fórma e corpo a certas idéas abstractas ou antes pura e simples questão de poesia.

— Ou pura e simples questão de superstição, observou o negociante que dera os esclarecimentos sobre o moço portuguez.

— Que não deixa de ser uma poesia, concluiu um individuo que era tido por litterato. A poesia do medo por exemplo.

— Eu direi antes, rematou o negociante, a poesia da ignorancia.

A formosa moreninha, porém, não se deu por vencida e continuou cada vez mais exaltada e mais forte em suas crenças:

— Os senhores são uns incredulos, já vejo; mas é isto porque são filhos de outra terra e vivem entre nós ha pouco tempo. Si não fosse essa circumstancia, aliás insignificante, porque hão de por força acreditar em outras cousas reputadas tão pueris como as nossas lendas, não estariam zombando de crenças fundadas todas em factos, mais ou menos remotos alguns, é certo, outros porém palpitantes de actualidade e todos cheios de verdade, e, o que mais é, de verosimilhança.

— Historias com que embalou-nos a ama de leite, contos de fada ou xacaras fantasticas proprias sómente para adormecer crianças timoratas! repliquei eu com certo ar de incredulidade.

— Não, senhor! confirmou a moça. Historias verdadeiras, conservadas pela tradição do povo e algumas attestadas ainda hoje pelos factos. Esta é uma dellas.

— Esta qual?

— A da morte do Sr. Januario. A Yara não é concepção fantastica da imaginação dos selvagens, nem desappareceu com elles de nossas florestas. Ainda hoje existe; elles foram-se, ella ficou, e essa morte mysteriosa é uma prova de sua existencia.

— Que a morte de uma pessoa atteste a sua propria vida anterior, é cousa comprehensivel e natural, observou o promotor publico, que tambem estava presente. Só morre o que tem vida, mas que atteste a existencia de outrem....

— Tambem é natural e comprehensivel, atalhou a moreninha com toda a vivacidade. E a prova é que a morte subita do gado, em Marajó, pelo veneno da cascavel, confirma a existencia desse reptil.

— Si em Marajó houvesse cobras !... observou um fazendeiro.

A replica da moça fora prompta, o argumento decisivo, e á vista da nossa tacita approvação, os olhos negros da gentil menina, olhos como só os possuem as paraenses, chisparam lumes de intima alegria.

— Portanto, proseguiu ella, prova-se assim a existencia da Yara. De mais a mais viu-a o proprio Januario.

— Como!? elle a viu? exclamei eu estupefacto.

— Viu, sim senhor; e desde esse dia que a Mundica previu a catastrophe.

— Perdão, minha senhora, isso agora torna o caso um pouco mais serio e digno de reflexão. Quem é essa Mundica?

— E' a noiva de Januario.

— V. Ex. conhece-a?

— Sou sua amiga intima.

— E' verdade! confirmaram os paes da moça. Estiveram juntas no collegio das Benjamins, á rua da Industria, e conservaram sempre a mesma amizade.

— Foi por ella mesma que V. Ex. soube desse incidente?

— Foi: contou-m'o entre lagrimas logo depois do primeiro accesso de riso que teve o pobre moço.

— Accesso de riso, disse V. Ex.?

— Sim, senhor; é sempre o primeiro symptoma de quem vê uma Yara.

— Mas, afinal, o que vem a ser essa Yara?

— E' uma mulher perigosamente formosa: quem a vê não póde mais fugir-lhe, e, ou longe ou perto, sempre a vê. Possue-se de um enlevo quasi sem interrupção e entrega-se inconscientemente a uma alegria ruidosa e delirante. Dura isto até que, procurando tornar a vel-a na realidade, como a viu pela primeira vez, atira-se ás aguas no mesmo logar em que ella lhe appareceu seductora e fascinante. Esse desejo anhelante pela agua, tem-n'o enfeitiçado como meio de apagar as chammas do amor em que se abrasa.

— E.... onde costuma apparecer essa mulher?

— Em qualquer parte, de preferencia onde ha rios e igarapés sombrios.

— Ah! minha senhora!. exclamei então com enthusiasmo. Quem me déra encontrar essa sereia, essa nympha, essa encantada e perigosa Yara!

— Ora! respondeu-me a moreninha com um muchocho. Ao senhor ella nunca appareceria.

— Porque não creio nella, não é?

— Não; porque o senhor já é casado.

— Como assim?

— A Yara só apparece aos homens solteiros e para isto é ainda preciso que elles estejam para casar, que já sejam noivos. Fique sabendo.

Era tão encantador e tão profundamente convicto e convincente o tom com que a engraçada moreninha affirmava a existencia da Yara, e attestava a influencia nefasta de sua apparição; de mais a mais, tanta importancia ligava a essa crença e tanto procurava incutil-a no animo alheio, que não pude furtar-me á invasão da curiosidade, aliás justificada, e voltando-me para ella:

— Minha senhora, disse-lhe eu, si tivesse esperanças de

ser attendido, pedir-lhe-ia o especial favor de contar-me, si o sabe, a historia do encontro do infeliz moço portuguez com a sua perigosa inimiga.

— Sei por haver-m'a contado, ha dias, a propria Mundica; mas como depois desse tempo deve ter-se passado alguma cousa de novo e de extraordinario, peço-lhe alguns dias de demora. Amanhã irei á casa de minha desventurada amiga e talvez a resolva a vir até cá qualquer desses dias, depois que lhe houver passado a maior impressão pela desgraça que lhe succedeu. Neste caso, della mesma ouvirá o senhor a narração de todo o occorrido, e então talvez se convença e acredite....

— Si me fosse possivel acreditar, minha senhora, nenhuma voz teria tanta força para me impor essa crença, como a de V. Ex.

— Não obstante despreza-a!... Obrigada pela lisonja... Mas, espere; tive agora uma bôa idéa.

— O que é muito natural em V. Ex. Mas qual é ella?

— Seria melhor irmos amanhã á casa de Mundica. Não só o senhor terá occasião de ver logo uma das mais bonitas patricias minhas, como tambem mais depressa ouvirá a historia que deseja conhecer. Mundica não se recusará de certo a contar-nos tudo, mesmo porque nada consola-nos tanto de uma magoa como o falar constantemente sobre ella. Aceita?

— De todo o coração, respondi eu.

No dia seguinte, com effeito, por volta das seis horas da tarde, tomamos um carro e dirigimo-nos á casa, em que residia a familia de D. Mundica, á qual fui solemnemente apresentado pelo pae da interessante moreninha, sendo acolhido e tratado de uma maneira que faz honra á hospitalidade e educação da familia paraense.

Recebidos com toda a franqueza na varanda, ahi encontrámos a infeliz noiva, morbidamente estendida numa *espreguiçadeira*, em doloroso abandono, com o olhar vago e a derramar-se-lhe pelo rosto uma tristissima expressão de magoa sem limites. Era ella uma dessas moças que, apenas as encontramos, absorvem por tal forma a nossa attenção e os nossos pensamentos que se torna impossivel o equecel-as. Tinha um typo genui-

namente brazileiro, typo elegante e flacido, ardente e candido, alegre e serio, que só se encontra em nossas provincias do Norte, sobretudo no Pará e Amazonas. Parece que o sol deslumbrante do equador as crêa e desenvolve com todos os carinhos e magnificencias com que trata a esplendida vegetação daquellas terras que elle fecunda e fertiliza.

Mundica era, como o dissera sua amiga, uma das moças mais bonitas da cidade. De um moreno pallido e aveludado, tinha no suave e correcto contorno do rosto oval, no todo das formas e na graça dos gestos, um não sei que de encantador e feiticeiro, que impunha a sympathia ao mesmo tempo que o respeito. Ao vel-a, concebia-se immediatamente a possibilidade dessas paixões subitas e incendiarias, de um desses amores que consubstanciam o idealismo mais platonico e a sensualidade mais brutal, a adoração casta do espirito e o gozo frenetico e voluptuoso da carne. Havia nella a candura, a pureza celica dos anjos e a petulancia quente e energica das criaturas da terra. Adivinhavam-se sob a maciez da sua cutis de setim os segredos de todas as lascivias e de todas as innocencias, isto é, conhecia-se que naquelle corpo opulento de graças e de encantos tentadores vivia uma alma completamente divina, cheia dos magicos attractivos da virgindade.

Era formosa e perfeitamente talhada, tal como estatua saída das mãos habeis da natureza: tinha os contornos energicos, accentuados, porém brandos, comtudo sem os amplos desenvolvimentos que lhes dá o habito da nudez, como nas mulheres selvagens, e ao mesmo tempo possuia essa elegancia, essa finura de talhe, que dá á mulher uma vaporosa apparencia de fada, sem que tenha sido motivada pelos continuados apertos das barbatanas de um espartilho, como nas mulheres civilizadas da côrte.

Trez cousas sobretudo attraíam e concentravam a attenção mais rebelde: os seus olhos rasgados e negros, cheios da expressão indefinivel que causa a luz excessiva coada por entre os prismas de uma lagrima; as mãos de uma delicadeza inexcedivel, e o pé, mimoso botão de magnolia, ás vezes indolente e vergonhoso, outras petulante, catita, buliçoso, como

um ratinho que procurasse fugir dentre as rendas que o cobriam.

A' vista disto, pois, justificava-se plenamente o amor do moço portuguez e concebia-se que, a não ser correspondido, esse amor o tivesse levado primeiramente á loucura e depois ao suicidio. Mas, sem esse desengano, impossivel parecia admittir que o pobre mancebo houvesse voluntariamente fugido ás suas esplendidas promessas, abrigando-se para isso no seio eterno da morte.

A moça achava-se, como disse, sentada em uma *espreguiçadeira* a um canto da varanda; entregava-se a pensamentos dolorosos sem duvida, pois que no seu rosto estampava-se uma visivel sombra de melancolia, e perdia-se-lhe o olhar no vago das abstracções.

Quando a minha amavel introductora fez-me a honra de apresentar-nos mutuamente, declinando a qualidade de noiva do moço portuguez, julguei do meu dever additar ao cumprimento breves palavras de sincera condolencia. Mundica estendeu-me então a mão fina e ardente, com franqueza, sem acanhamento nem pretenções, como si fossemos velhos conhecidos, e, apertando-me os dedos fortemente, murmurou um agradecimento que se terminou nas lagrimas espontaneas que vieram humedecer a lembrança do seu noivo.

Iniciada então a familiaridade, foi a conversação conduzida habilmente para os acontecimentos mais recentes, e á tela veiu como assumpto principal a catastrophe que lançára o luto em tantos corações.

A minha amavel moreninha contou immediatamente a nossa discussão da vespera, e assim, ora alardeando propositalmente da minha incredulidade acerca do motivo a que attribuia ella a morte do rapaz, ora timbrando em convencer-me da minha sem-razão, convidou sua amiga a correr em seu auxilio e obteve della a narração circumstanciada dos seus infortunios.

Era justamente o que eu mais anhelava, não porque procurasse um argumento ou uma prova para modificar a minha opinião relativamente á possibilidade da existencia das Yaras,

mas sim porque presentia naquella narrativa a exhibição de uma crença, de uma lenda da provincia, a fonte de uma poesia original e uma prova do quanto póde influir em nossa educação a tradição das crendices e superstições extravagantes dos nossos avós.

Accedendo, pois, ao convite, Mundica começou a sua historia com uma simplicidade e um colorido de expressão tão tocantes e pittorescos, que, sendo-me impossivel reproduzir fielmente, tomo a liberdade de substituir pela minha prosa.

O commendador fez uma pausa, accendeu um charuto e deixou, como narrador emerito, que por alguns instantes a imaginação dos seus ouvintes divagasse livremente. Para produzir maior effeito e melhor saborear os encantos da surpreza, precisava que elles, meditando no que acabavam de ouvir, fantasiassem, cada um segundo o seu desejo ou seu caracter, a continuação daquella historia e as peripecias do seu desenlace.

Quando calculou, portanto, que o espirito de cada um estava bastante preoccupado, e presentiu que algum mais impaciente lhe ia dirigir qualquer pergunta, atirou para o ar um novello de fumaça, cruzou as pernas com a maior commodidade e proseguiu assim na sua narrativa:

— Foi em uma festa de Nazareth que Januario e Mundica se encontraram pela primeira vez. Havia alguns mezes apenas que ella saíra do collegio, quando viu approximar-se o desejado mez de oitubro e com elle a festa tradicional e opulentamente magestosa que attrae milhares de pessoas de todas as cidades, villas e povoações da provincia e até das capitaes do Maranhão e do Amazonas.

E tem bastante razão de ser essa attracção, pois poucas festas no Brazil terão tanto brilho, reunirão tantas devoções e tão esplendidas e fascinantes se mostrarão durante todo o tempo que duram. Permittam-me dar aqui um esclarecimento importante e caracteristico da indole pacifica e da educação morigerada do povo paraense: durante os quinze a vinte dias da festa, não apparece a menor desordem; o mais insignificante disturbio não vae perturbar a serenidade das diversões do

arraial, nem levar o terror ou o susto aos corações expansivamente alegres das senhoras que a ellas accorrem, concorrendo para o seu maior brilhantismo.

Chegára o dia do *Cirio*, extensa e devota procissão, instituida e regulada por uma ordenança do governador D. Francisco de Souza Coutinho, a qual, entre outras cousas, marcava a ordem e precedencia das diversas autoridades civis, militares e ecclesiasticas que a deviam acompanhar com todo o recato e devoção.

Consiste elle, o Cirio tradicional, como sabem, na trasladação da santa imagem da Senhora de Nazareth da capella do palacio do governo para a ermida do seu nome no arrabalde pittoresco e aristocratico, que, quasi a uma milha de distancia, fórma hoje a quarta freguezia da cidade. A essa procissão matutina e imponente pelo seu prestito, ninguem ha que deixe de comparecer, muitos, é certo, pelo espirito de curiosidade ou pela sêde ardente dos divertimentos apparatosos, a maior parte, porém, o povo em geral e as classes inferiores sobretudo, por um alto espirito de devoção sincera, guiados pelos instinctos da fé religiosa, emfim, pela necessidade que sentem as criaturas de manifestar externa e publicamente o seu culto e gratidão por Aquella a quem attribuem a graça de preserval-os do mal e do infortunio.

Apoz o carro precursor em fórma de fortaleza, que abre a marcha do Cirio, e donde ascendem, fendendo os ares, os foguetes e as bombas reaes; apoz as duas fileiras de cavalleiros mais ou menos garbosos; apoz o carro que contém e representa os milagres de D. Fuas Roupinho e do escalér do brigue S. João Baptista; apoz o proprio escalér daquelle navio, carregado aos hombros pela corporação dos homens do mar, ou de pessôas alheias a ella, mas como taes vestidas, em consequencia de votos, e cheio de creanças que lembram os naufragos, milagrosamente salvos depois de tantos dias de lutas, de fome e de desanimo; apoz os anjos, que avançam a cavallo conduzindo vistosos estandartes onde se lem as datas dos alludidos milagres e os nomes por que são celebrados, seguem-se os carros cheios das principaes e mais gradas familias da ci-

dade, bem como das diversas autoridades, trajando todos riquissimos vestidos de gala.

Depois dos carros, no ultimo dos quaes é do estylo ir o presidente da provincia com o seu secretario e ajudante de ordens, caminha a berlinda, lindo carro de feitio fantastico, quasi em fórma de corôa real, de ouro e purpura, em cujo centro está collocada a imagem venerada. Guardam-n'a dos lados os directores da festa, e, segurando em compridos cordões de seda vermelha, o povo a vae puxando com todo o respeito e devoção, sendo para notar o afan, com que todos, homens e mulheres, procuram desempenhar esse mister. Em um dos muitos cirios, a que assisti, vi uma velha de origem tapuia acompanhar de joelhos a berlinda, desde que saiu da capella de palacio até que se recolheu á ermida de Nazareth: em uma das mãos sustentava uma vela de cêra de algumas libras, e com a outra amparava-se ao chão e repellia as ondas de povo que ameaçavam esmagal-a. Essa rude penitencia era o resultado de uma promessa feita á Virgem milagrosa por occasião de uma molestia que quasi arrebatára dos braços da velha cabocla o seu unico filho. Só uma mãe seria capaz de tamanho heroismo!

Fecha o prestito do cirio a guarnição da cidade, artilharia e infantaria, formando ainda o povo cauda enorme, interminavel. Para percorrer o espaço que medeia do largo de palacio ao de Nazareth, talvez menos de uma milha, costuma o cirio gastar de trez a quatro horas, tanta é a difficuldade com que a berlinda sobretudo luta para atravessar as ondas, apinhadas e cada vez mais augmentadas, do povo que enche de lado a lado todas as ruas e mal póde andar pelas estradas.

Ora, num dos primeiros carros da fila, ia a familia de Mundica e a gentil menina attraía todos os olhares, já pela graça mimosa do semblante, já pela despretenciosa simplicidade do vestuario. Mais do que de todos, chamára ella a attenção de Januario, o qual, montado em um soberbo alasão, expressamente vindo do Ceará para figurar naquella festa, caracolava garbosamente, destacando-se de todos os companheiros pela sua pericia de picador e pela belleza e masculinidade do porte.

Como elle percebêra a formosura da moça e á sua influencia se curvára, tambem ella admirava a sua destreza; haviam-se encontrado os olhares de ambos: como que casualmente e durante todo o trajecto da procissão, por mais de uma vez, sem que nenhum dos dois o pudesse explicar, succedeu que a moça procurasse distinguir e não perder de vista o cavalleiro e este se esforçasse por vel-a a todo o instante.

Chegado o cirio ao arraial de Nazareth, que, seja dito de passagem, estava rica e vistosamente preparado, graças aos esforços e liberalidade do juiz da festa, aquelle anno, um honrado negociante que todos os Srs. conhecem, e cujo nome é por si só uma garantia de probidade; recolhida a santa imagem á sua ermida; dadas as salvas pelo parque de artilharia, e entoado o *te-deum*, dissolveram-se os grupos, dispersou-se o povo e cada qual procurou a casa, onde devia passar o dia, ou voltou para a cidade afim de refazer-se da fadiga de então para melhor resistir aos divertimentos da noite.

No numero dos que ficaram no arraial, contava-se a familia de Mundica e o moço portuguez. Succedeu, porém, que ambos, elle e a moça, se encontrassem na mesma casa. Já a circumstancia fortuita de passarem o dia juntos, já a rapida e franca familiaridade que está nos habitos do paraense e que de forma alguma lhe diminue ou tira a sinceridade, estabeleceram depressa entre os dois uma intimidade attenciosa, mas tambem soberanamente sympathica. A' moça afigurou-se-lhe ser o moço portuguez um mancebo dotado de excellentes qualidade moraes e intellectuaes, no que não se enganava nem o seu coração exposto já e ainda a todos os influxos do amor, nem a sua perspicacia instinctiva ou feminina. Ao mancebo pareceu que Mundica era, pelo seu espirito, modestia e educação, uma daquellas raras moças que são destinadas para fazer ou para completar a felicidade do homem na terra.

Destes conceitos para o amor quasi nem um passo medeia, e esse estreitou-se ainda mais com a continuação da conviencia, até de todo desapparecer.

Durante os vinte dias da festa, encontrando-se todas as noites sob aquella atmosphera impregnada de harmonias sagradas,

de perfumes inebriantes, de luzes deslumbradoras; partilhando juntos as alegrias ruidosas, variadas, expansivas dos diversos folgares; aspirando a largos sorvos, pelo braço um do outro muitas vezes, as mesmas emanações quentes que sobem das grandes agglomerações festivas do povo, alli sempre perfumado com os mais activos e mimosos productos da flora amazonense, emanações essas que exaltam o cerebro, fazendo-o sonhar, e aquecem o coração, fazendo-o sentir com mais afan e palpitar mais apressado, adiantaram os dois bastante caminho, a ponto de, ao expirar a ultima noite e com ella a ultima nota dos festejos nazarenos, suspirarem ambos de saudade e confessarem-se fracos e impotentes para viverem separados.

O mancebo alcançara então licença para frequentar a casa da sua apaixonada e em pouco tempo, forte do seu amor, pedira e obtivera a mão da moça.

Foi dahi, porém, que começou a datar o infortunio daquelles dois corações. Aquelle passo, que, parecia, devêra ser a sagração da felicidade sonhada e o inicio de uma época de invejadas venturas, foi ao contrario o toque de alvorada de um dia triste de inverno, o prologo inesperado de uma tragedia fantastica.

E' daqui em diante que vae começar o pleno dominio da lenda. Peço-lhes, portanto, que redobrem de attenção.

Januario morava fóra da cidade, á estrada de S. João, muito além do igarapé das Almas, e um pouco da antiga casa dos capuchinhos, conhecida na historia pelo convento do Una. Fazia-lhe companhia um allemão, como elle empregado no commercio, moço bastante intelligente e instruido como quasi todos os seus conterraneos, e de mais a mais muito dado, em suas horas vagas, ao estudo das sciencias naturaes, nomeadamente a physica.

Durante os festejos de Nazareth fôra o companheiro assiduo do moço portuguez, acompanhara *pari passu* os progressos da sua paixão, e, para nada lhes occultar, devo accrescentar, porque é a verdade, tambem não pudera fugir á influencia fascinadora da formosura peregrina da donzella. Estava tão apaixonado que costumava dizer, gracejando com o amigo:

— Olha, Januario, si a Mundica não te amasse e si não quizesses casar com ella, seria eu o seu marido, houvesse embora de renegar a minha religião.

O allemão era protestante, já se vê.

Costumava Januario ir todas as noites banhar-se nas aguas agradaveis e frias de um igarapé, que, talvez um pouco longe de sua casa, entrava pela matta sombria que margina e embelleza aquella estrada. Era este um habito de ha muito adquirido e do qual ser-lhe-ia difficil, sinão impossivel, privar-se.

Uma noite, estando em casa de sua noiva e a conversar com ella em um canto da varanda, naquelle egoistico isolamento que os namorados tanto apreciam, começou ella, cheia de faceirice e com essa travessa curiosidade de criança e de noiva, a perguntar-lhe o que havia feito, o que fazia nas horas que passava longe della, e sobretudo o que fizera na vespera á noite, depois que deixára a sua companhia.

O mancebo, sorrindo e zombeteando por aquella inconsciente manifestação de ciume, mas de um ciume innocente que o lisongeava, contou que, logo depois de chegar á casa, e conforme o seu costume inveterado, fôra mergulhar por alguns minutos nas aguas frescas do alludido igarapé, e que o banho se havia prolongado demasiado, attenta uma circumstancia que ficára inexplicavel para elle, não obstante ter procurado elucidal-a.

Referiu então que, tendo entrado no igarapé, justamente em um logar onde alguns angazeiros, se debruçando sobre as aguas, tornavam-n'as mais sombrias, parecera-lhe ouvir, ora perto, ora longe, ora de um lado, ora de outro, ora como que descendo da ramagem das arvores, ora como que subindo do fundo das aguas, uma especie de canto suavissimo, ainda que apenas murmurado, o qual o deixára embevecido e enlevado por um tempo indefinido. Saíra então da agua apressadamente e batera todo o matto ao redor, suppondo ser alguem que alli perto se achasse, — o seu amigo allemão, por exemplo — e que de proposito assim estivesse fazendo para amedrontal-o talvez... Mas fôra debalde a sua pesquiza.

Voltando depois para a casa, ahi encontrára o amigo, a quem tudo contou, e este, filho, como era do paiz das brumas e das lendas, começára a falar-lhe de walkirias, sylphides, duendes e outras cousas filhas de imaginações nebulosas e só proprias para causar riso aos espiritos fortes atreitos á seriedade e ao positivismo da vida.

Ao ouvir esta narração, Mundica empallideceu horrivelmente: gelaram-se as mãos de improviso e a pobre moça sentiu correr-lhe pelos membros o estranho calafrio do medo irresistivel. E' que passára-lhe pelo espirito, com a rapidez deslumbradora do raio que fulmina, a lembrança de todas as desgraças, de todos os accidentes funestos de que haviam sido testemunhas as florestas e os rios. Filha de uma provincia, onde mais do que nas outras, avultam as crendices nos feitiços e nas apparições, devido isto talvez ao contacto ainda immediato com a raça selvagem, Mundica, crente ella mesma, por effeito de educação, em todas as lendas de sua terra, sentia apertar-se-lhe o coração num doloroso presentimento. Por isso, foi humildemente supplicante que ella fitou os olhos no seu noivo e balbuciou toda tremula de susto:

— Pois bem, Januario, quero pedir-te um favor.

— Qual é?

— Promettes fazel-o?

— Seria preciso primeiramente saber do que se trata, meu anjo.

— Trata-se da nossa futura felicidade.

— Serio?

— Serio.

— Então prometto: o que é?

— Não vás mais tomar banho no igarapé.

— Mas isto é um habito meu, de mais a mais perfeitamente innocente, minha flôr.

— Mas eu não quero.

— E que mal faz isto?

— Que mal?! .... Pois já não ouviste o canto?

— E dahi? .... era até bem agradavel....

— Depois do canto virá a apparição e depois.... depois....

— E depois ?....

— A morte....

Januario olhou fixamente para ella ; parecia-lhe impossivel que a sua noiva lhe falasse seriamente.

Mundica proseguiu immediatamente:

— Portanto, eu te peço ; não vás, pelo menos emquanto não se realizar o nosso casamento.

— E depois delle realizado ?

— Ah ! depois pódes ir todas as vezes que quizeres, pois não terei mais medo.

— Não terás ? .... de que parte então esse terror ? qual a causa desse teu pedido ?

— E' que.... olha : peço-te que não zombes de mim ; mas aquelle canto, que ouviste....

— Sim ; o que tem aquelle canto ?

Mundica approximou-se mais do seu noivo e com uma voz, que um terror profundo e supersticioso tornava tremula, murmurou baixinho:

— Aquelle canto é a voz da Yara.

Januario, então, ouvindo aquella declaração que estava longe de esperar, derreiou-se no espaldar da cadeira e desatou alegremente numa gargalhada franca e estridente. Mundica ergueu-se de um impeto involuntario, e exclamou fóra de si:

— Ah ! .... tu já a viste ! tu já a viste ! ....

Januario não podia conter o seu cascatear hilariante, e apenas respondeu-lhe abanando a cabeça.

— Sim ! sim ! continuou a moça, já a viste, pois que te ris assim !

Accudindo ao grito e á exclamação, os paes de Mundica correram para ella:

— O que foi, perguntaram-lhe.

Mas a moça, longe de responder-lhes, agarrou o braço de seu noivo com uma energia de que parecia pouco susceptivel a sua natureza feminina e repetiu:

— Não quero ! ouviu ? não quero que torne a ir lá !

— De que se trata ? inquiriu de novo seu pae, ao passo

que sua mãe, afastando-a do rapaz, perguntava-lhe num tom de exprobação :

— O que é isto, Mundica ? !

Ella então, como desfallecendo, de improviso, apontou para o mancebo, que dominára já o accesso de hilaridade, e, indo caír sentada no sofá, respondeu cheia de dor:

— Ah, mamãe ! elle viu a Yara ! elle viu a Yara !

A mãe de Mundica, respeitavel senhora pela idade e pelo corpo, nutridamente desenvolvido, recuou por sua vez como assombrada, e soffrega, anhelante, assustadissima, interrogou o seu futuro genro :

— E' verdade, senhor ?

Januario teve de repetir a narrativa, e, depois de ouvil-a com attenção religiosa e concentrada, observou-lhe a respeitavel matrona num tom de profunda convicção :

— Não zombe das cousas serias, Sr. Januario. Por ora o mal é ainda remediavel e em suas mãos está evital-o de todo.

Satisfaça o pedido razoavel e sensato de sua noiva e tome o meu conselho. Não volte ao igarapé, e á noite sobretudo evite o mais possivel os lugares sombrios e desertos. Emquanto for noivo, mil perigos desconhecidos o cercarão e procurarão destruir a sua felicidade. Quem lhe diz isto é uma pessôa que tem visto muita cousa e nunca falou sinão a verdade. O meu conselho é para o seu bem.

Não se podia ter uma linguagem mais maternal e mais cheia de amistosa solicitude.

Januario prometteu tudo quanto exigiram delle e só muito tarde despediu-se e tomou o caminho de sua casa. Conseguira deixar a noiva socegada, mas elle, elle levava a duvida no seio, e peior do que a duvida uma curiosidade irresistivel.

Não obstante, resistiu nessa noite, e, pela primeira vez desde que se habituára, deixou de ir ao igarapé mergulhar voluptuosamente em suas aguas. Diga-se, entretanto, não foi sem custo, tendo de sustentar grande luta entre o seu desejo, a força do seu habito, e a vontade, a lembrança da sua promessa recente e solemnissima. Triumphára a lealdade natural

ao seu caracter, e, daquella vez ainda cumprindo os desejos de sua noiva, talvez inspirada, conseguiu elle escapar ás seducções e insidias da perigosa habitadora dos igarapés. Por isso, foi immensa a alegria que sentiu a moça quando soube, no dia seguinte, da fidelidade com que Januario havia cumprido a promessa feita. Bateu-lhe mais calmo o coração, correu-lhe a noite mais suave e mais alegre, o que não obstou a que se renovassem as recommendações e com ellas os pedidos. Não foi por falta de cautellas que Januario não escapou á sórte que o esperava.

Durante as trez noites seguintes, resistiu o mancebo ao desejo immoderado que o chamava ás margens do igarapé com a attracção irrecusavel do iman sobre o aço, e, mais do que ao desejo, ao demonio da curiosidade que o aguilhoava sem medida. Embora descresse daquellas e quejandas abuzões pueris, parecia-lhe comtudo impossivel que sua noiva, intelligente e bem educada como era, conservasse intacta semelhanta crendice dos tempos da infancia, sem que houvesse para isso algum fundamento racional, fosse qual fosse. De mais a mais o inexplicavel daquelle canto, que elle ouvira, influia em seu animo mais que tudo para arrastal-o em demanda do perigo.

CARNEIRO VILELLA

(Continúa.)